

Seguindo as pegadas de Italo Calvino e de seu já clássico “Por que ler os clássicos”, pode-se dizer: Clarice Lispector é um clássico, o que significa que sua produção ficcional provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si. Seus textos chegam, inevitavelmente, até o leitor, carregados das marcas assinaladas pelas leituras precedentes e pelos traços deixados na cultura. Nesse sentido, é fácil constatar que, em mais de setenta anos, tomando-se como marco inicial o surgimento das primeiras resenhas logo após a publicação de *Perto do coração selvagem*, em fins 1943, a fortuna crítica da autora só se fez avolumar, configurando-se como uma das maiores no âmbito dos estudos de Literatura Brasileira. Tamanho repertório crítico não deixa de intimidar e causar a impressão de certo fechamento ou encerramento das interpretações.

Mas, então, por que ainda se insistir e, principalmente, se desejar percorrer a escrita de Clarice Lispector e as trilhas e os filamentos de seu último livro? Novamente, recorremos a Italo Calvino, que, entre outras propostas de definição do que seria “clássico”, traz a seguinte: “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer o que tinha para dizer”, em complemento à ideia de que toda releitura de um clássico é na realidade uma leitura de descoberta como a primeira. Sendo assim, arriscamos, nós, os organizadores, e os pesquisadores que compõem este dossiê, ainda a falar desse terreno, dessa escritora, desse pequeno grande livro.

Este Dossiê 40 anos de *A hora da estrela*, portanto, propõe um diálogo transinstitucional, enfocando temas e recortes variados em torno da escritora Clarice Lispector e de seu último livro, sendo uma contribuição relevante neste ano de comemoração. É significativo o encontro de vozes de pesquisadores advindos de diferentes instituições de ensino superior e diferentes Programas de Pós-graduação, do Brasil, o que confirma a visibilidade e a permanência da obra de Clarice Lispector no debate acadêmico.

Apreendidos em seu conjunto, os artigos que compõem nosso dossiê apresentam uma variedade de enfoques, desenhando, portanto, um mosaico reflexivo sobre *A hora da estrela*. Cada texto delinea os contornos de um enfoque crítico específico sobre o livro. Entretanto, há um elo que os concatena: o desejo de reler, em *uma leitura de descoberta como a primeira* – para dizer *ainda uma vez* com Italo Calvino –, essa narrativa que não cessa de significar.

O artigo que abre nosso dossiê, “*A hora da estrela*: artesanato escritural ou caos narrativo?”, de Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, toma como ponto de partida de sua leitura a arquitetura textual desse livro de Clarice Lispector para refletir a respeito de uma faceta do discurso narrativo contemporâneo, marcado por jogos enunciativos, que, ao mesmo tempo em que investe no exercício lúdico, desvela outras camadas da condição humana. Por esse viés, a escrita de Clarice Lispector configura-se “um caos-ficção possível a demandar sempre um entendimento e uma escuta de outro”.

O texto de Edgar Cézár Nolasco, ao acompanhar a travessia de Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*, que migra do Nordeste para o Rio de Janeiro, estabelece uma relação com a própria trajetória de Clarice Lispector. Observando a biografia da escritora, o autor propõe discutir que a questão da “judeidade”, embora jamais assumida publicamente por Clarice Lispector, nem tratada de modo explícito em sua obra, pode, contudo, ser observada, ainda que de modo metafórico, à revelia da mesma, por todo o seu projeto literário.

Com “A hora presente: encenando a dor e o silêncio em *A hora da estrela*”, Fernanda Valim Côrtes Miguel convida-nos, de uma perspectiva wittgensteiniana, a ouvir os sons musicais e o silêncio, pinçados da estrutura narrativa da novela, que irão se coadunar em uma reflexão sobre a escuridão do tempo (presente) que se faz *presente* ao longo de toda a narrativa. Sonoridades outras, diferentes daquela que embala a poética da civilização moderna, ecoam do encontro das texturas de Clarice Lispector e de Ludwig Wittgenstein na investigação empreendida por sua leitura.

O trabalho de Juliana Helena Gomes Leal parte das relações entre escrita e performance, com vistas a traçar os contornos da trajetória performática do foco narrativo de *A hora da estrela*. A pesquisadora, em “Reflexões sobre escrita e performance em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector: narrador performático”, aponta para um *narrar em performance* que multiplica a instância narrativa, “porque força, o tempo todo, a incorporação solidária de outras vozes na conformação do texto literário”.

Rodrigo S. M. (na verdade Clarice Lispector), definido como um narrador paródico, é o objeto da análise de Luiz Fernando Lima Braga Júnior. Em sua leitura de *A hora da estrela*, o referido pesquisador problematiza as noções de assincronia da recepção literária e representação de identidades, discutindo o papel do intelectual como mediador do subalterno e os limites impostos pela própria ficção.

Tomando como base as construções lacanianas sobre o “feminino” e o “feminino de ninguém”, proposto na obra da escritora portuguesa contemporânea, Maria Gabriela Llansol, Lucia Castello Branco, em “40 anos de Macabéa, a menor mulher do mundo”, propõe uma leitura de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, articulando esse derradeiro livro da autora com dois contos publicados anteriormente em *Laços de família*, em 1960: “A menor mulher do mundo” e “Amor”. Lucia Castello Branco, de uma forma muito amorosa, como “uma das fiéis que a leram ao longo das últimas quatro décadas”, considera Macabéa a menor mulher do mundo.

Por sua vez, o trinômio literatura, imagem e pensamento é o fio condutor da leitura de Luiz Carlos Gonçalves Lopes. O ensaio “O escritor e a borboleta: literatura, imagem e pensamento em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector” articula a escrita de Lispector ao pensamento de Georges Didi-Huberman, estabelecendo conexões entre a figura de Macabéa e a ideia de imagem sobrevivente. Ao falar da imagem que aparece, que sobrevive, que resiste, Didi-Huberman elege o motivo da borboleta, que é fisgado por Lopes em sua interpretação de Macabéa.

Olga de Sá, tomando *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, seleciona um dos treze títulos do livro, a saber, “Lamento de um blue” para nomear seu ensaio no qual focaliza, principalmente, a Edição Especial Comemorativa da publicação dos 40 anos de *A hora da estrela* pela editora Rocco, e de morte de sua autora. Essa edição, publicada pela editora Rocco conta também com seis ensaios sobre *A hora da estrela*. Após citá-los devidamente, Olga de Sá elege “Extrema fidelidade”, de Hélène Cixous, para comentar o último livro escrito por Clarice que congrega, em si, a um só tempo, vida e morte.

Por fim, Sérgio Antônio Silva realiza uma análise gráfica das edições recentes da obra de/sobre Clarice Lispector, priorizando aquelas nas quais aparecem fotografias da autora nas capas dos livros. A seguir, o estudioso se detém na Edição comemorativa dos 40 anos de *A hora da estrela*, publicada este ano (2017), cujo projeto gráfico baseia-se, para além das fotografias, na utilização de algumas páginas dos manuscritos do livro, que se encontram sob os cuidados do Instituto Moreira Salles. Dialogando com o texto “E agora – uma crônica do encontro com os manuscritos de *A hora da estrela*”, de Paloma Vidal, encomendado para essa edição comemorativa, o autor propõe uma discussão acerca do objeto livro, ressaltando a relação entre palavra e imagem, o uso dos paratextos editoriais e dos lugares de autoria que circundam a obra literária. Além disso, o artigo em questão emparelha-se com o de Lucia Castello Branco detendo-se no olhar de Clarice Lispector, quer altivo quer enigmático, atravessado pela “escrita por vir”, pela escrita de quem sempre esteve só, na dita “trágica solidão nas letras brasileiras”.

Acreditamos que, através desta publicação, a *Fólio* - Revista de Letras, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGLCEL) e ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vem não apenas reafirmar seus compromissos com a prática e a circulação de diferentes saberes e discursos como também estimular reflexões e interlocuções no âmbito do campo dos Estudos Literários, inserindo-se no contexto de homenagens a Clarice Lispector e a sua novela *A hora de estrela* que marcam o ano de 2017.

*Leonardo Francisco Soares – Ufu*

*Maria das Graças Fonseca Andrade – Uesb*